

ECOS DE CACIA

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz
Bêco dos Clérigos, 1
Correspondentes em Aveiro, Povoia, Paço, Vilarinho, Mataduchos, Taboeira, Esqueira, Angeja e Sarrazola.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Fundador: J. J. Nunes da Silva

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Dar:ton

ASSINATURA Ano, série de 50 números 20\$00 Semestre, série de 25 números 10\$00 Estrangeiro, ano 50 números 50\$00 Cofónias 30\$00	Proprietário-Director e Administrador José Marques Damião O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto	Redactor e Editor António da Costa Pinto O «Ecos de Cacia» é o mais desenvolvido noticiário de todas as terras da sua região.	REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS Rua da Paz—QUINTÃ DO LOUREIRO (CACIA) Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ECOS & NOTÍCIAS

LIGA REGIONAL DO BAIXO VOUGA

Amanhã, pelas 15 horas, reúne em Lisboa, rua da Palma, 272-1.º, a comissão revisora do projecto dos Estatutos da Liga Regional do Baixo Vouga, que é composta pelos srs. Alfredo Dias Pires, Ernesto Baptista, José Nunes Ferreira, Manuel Rodrigues Carvalho e Anibal Cruz.

A MULHER E O ANDAR

Assim como «pelo dedo se conhece o gigante», também a mulher se conhece pelo andar. Pelo menos, assim no-lo indica uma revista estrangeira:

A que bate com os tacões, deitando a casa abaixo, tem um gênio a que nem o demónio resiste.

A que anda nos bicos dos pés é zelosa, curiosa, viva, impressionante e algumas vezes impertinente.

A que assenta a planta do pé é descansada, alegre, risonha e de bom carácter.

A que mete os pés para dentro é maliciosa, pouco animada e pouco sincera.

A que deita os pés de fora, saracotando-se com desenfado, é capaz de comer uma vitela e negar até que o sol dá luz.

A que anda de peito saído e apertada de cintura é dominante, presumida e não se impressiona com coisa alguma.

A que anda de cabeça baixa olhando para o chão, está disposta a enganar pai, mãe, irmãos — o mundo inteiro.

A de cabeça levantada tem a massa eufélica empoeirada e o coração cheio de estopa.

A que se balanceia para um e outro lado, não conhece a modestia nem ao menos pelo avesso.

A que pela rua se vai mirando, é presumida e não serve para nada.

A que anda simples e que só olha, quando é necessário sem fixar demasiadamente; que não anda depressa nem devagar, nem direita nem curva, sem demasiados enfeites é modesta, dócil, complacente, delicada, ponderosa e honesta.

Finalmente, é uma mulher às direitas.

FEIRA DE MARÇO

A Câmara Municipal de Aveiro emprega os melhores esforços para que tenha o maior desenvolvimento a tradicional Feira de Março, projectando surpreendentes festejos a fim de trazer à linda Veneza de Portugal grande concorrência de turistas.

A verdade da mentira

O egoismo é o mais ignóbil vício de que enfermam muitos homens, esquecidos da personalidade, dos direitos, e dos dotes de carácter dos seus semelhantes.

A diferenciação grande entre aqueles e os pobres irracionais, que têm por causadora, das suas atitudes egoístas, a Natureza, que assim os fez.

Há de facto, animais egoístas: um gato, que saboreia deliciado, uma sardinha, arremessada pela amiga peixeira, morde-a sofregamente e atira-se com rancôr, ao outro escanzelado felino, que quiere compartilhar do piteu. O egoismo manifesta-se.

O cão, que roi, em delicioso contentamento, um osso negro e sujo, que encontrou, por acaso, no caixote do lixo, rosna e atira-se ao camarada canideo, que de mansinho se aproxima, e fica depois a distância, contemplando com olhos lacrimosos, o manjar, ouvindo com máguia profunda o mastigar, os estalidos do osso a esmigalhar-se. O egoismo é evidente.

A galiinha corre, com a velocidade que lhe permitem as pernas saltitantes, para o milho que a tratadeira lhe arremessou, e bica furiosamente, uma outra companheira, que se chega, feima, é novamente bicada e por fim recebe uma corrida em forma, de papo vazio. Ainda o maldito egoismo.

E, por este singelo quadro, por indução, chegamos a concluir que é assim em todas as espécies, que é assim em todas as raças. No entanto, devemos desculpar.

Mas no homem, especialmente aquele que se diz civilizado, é um crime e dos mais monstruosos. Vêem-se manifestações tão repugnantes de egoismo, para as quais, se eu fôsse juiz, e se fôsse possível chamar tais creaturas ao Pretório, aplicaria a pena máxima.

E a mentira?

Outro crime. Há individuos que mentem por hábito; há os mentirosos por volúpia, os que sentem na mentira um intenso prazer, finalmente aqueles que mentem para se engrandecerem.

Recordo me bem de que, quando era criança, nos primeiros anos do

liceu, li num cartaz, afixado na parede do ginásio, o seguinte:

«Toda a mentira é um mal»

«Se ela prejudica é um crime»

Estas palavras causaram-me uma impressão tão profunda no meu espírito juvenil, que nunca mais as esqueci.

Desde então, habituei-me a odiar a mentira, e a tomar ascó aos mentirosos.

Inspiram-me quasi que horror. Principalmente os que mentem, que chegam a atestar sob palavra de honra essa mentira, para prejudicar terceiro e a eles próprios se engrandecerem.

Se há uma Consciência Superior que julgue e castigue, como eu creio — há individuos que ainda nesta vida, embora tarde, recebem o castigo de certas acções praticadas — ela lá os espera, visto que a justiça dos homens deficiente acção pode desenvolver.

Pela mentira, têm certos inocentes pago o que, outros e esses que mentiram, deveriam expiar.

Que revolta não sentirão tantos que abandonados, marcados pelo ferrete da ignominia, se encontram entre ferros, em virtude das declarações de meia-duzia de testemunhas perjuras?!

E, se a sua inocência se revela um dia, que dinheiro, que honras, podem compensar tanto sofrimento?

Nada! O horror á Sociedade, o desgosto aniquilante acompanhá-los-á até aos ultimos momentos da vida, que ás vezes, o mesmo abalo moral faz escurtar.

A justiça humana é demasiado frágil para semelhantes actos!

Todas as leis, todos os códigos são impotentes, para a devida sanção.

Só um golpe da Providência pode fazer compreender a tais gentes a monstruosidade do delicto, e dar-lhes severo correctivo.

Mentir, por hábito, mentir por volúpia, é, para mim, mais do que um mal. Vou mais além dessa educativa taboleta, de tão grata recordação, é um crime. Mas, mentir, em proveito próprio, com prejuizo de terceiros, é um crime tão ediondo, tão abjecto, que só pode ser sancionado pelas leis super terrenas.

Entre os homens, é impossível encontrar castigo...

Acácio Artur Lopes Cardoso.

ECOS & NOTÍCIAS

JANTAR DE AMIGOS

No passado domingo, em Lisboa, na residência do nosso amigo e assinante sr. Artur Viana, estimado empregado da Carris de Ferro, realizou-se um jantar de confraternização, ao qual assistiram os srs. Jacinto Jorge Júnior, Gumerindo Pina, João António Barata, Arménio Freire Salvador, Albano dos Reis, e Anibal Cruz, decorrendo na mais franca alegria e animação, onde não faltou a palestra amena e chistosa.

O sr. Artur Viana quiz naquele dia reunir os seus amigos para melhor aprectarem os bons petiscos de Brejo Fundeiro Vila de Rei, sua terra natal, e as graças de Tarzan.

Os nossos agradecimentos pelo amável convite.

ARNALDO RIBEIRO

Deu entrada na cadeia de Vagos, a cumprir dois meses de prisão correccional em que foi condenado por Acórdão de 31 de Março do ano último, em processo de imprensa, o vigoroso jornalista e nosso amigo sr. Arnaldo Ribeiro, director de O Democrata.

Abraçamo-lo cordealmente e nada de desânimos porque a Verdade tem que triunfar.

31 DE JANEIRO DE 1891

Na próxima segunda-feira comemora-se a Revolução do Porto, a primeira semente republicana lançada na terra portuguesa, que foi heroicamente regada com o sangue generoso do povo, germinando com vigor no dia 5 de Outubro de 1910.

Salvé a República! Paz aos heróis!

UM QUE PROMETE...

Há dias, a firma Fonseca, Limitada, com padaria em Algés, viu-se obrigada a apresentar queixa na Administração do Concelho de Oeiras contra um tal João do Céu da Silva, casado em Vilarinho (Cacia) e filho do sr. José de Testada, residente em S. Jacinto, por, quando era seu empregado, ter desviado a quantia de Esc. 3.445\$45, importância de pão que aquela firma lhe confiou.

O sr. Administrador do Concelho de Oeiras mandou recolher à prisão o João Silva, donde já saiu afiançado e terá que responder pela sua honestidade, muito brevemente, no tribunal da Boa Hora, em Lisboa.

O João do Céu, que também é Silva, promete... alcançar o inferno.

Fruta do tempo

Carnaval

Na corrente semana—segundo o calendário dos eternos foliões—inaugura-se oficialmente a época carnavalesca. Quere dizer: desde este dia, até quarta-feira de cinzas, tem a gente moça oportunidades várias para se divertir e divertir os outros, se de uma e outra coisa fôr capaz...

O carnaval está tão desacreditado, em seus pergaminhos de folião, e a alegria natural das gentes parece ter fugido para tão longínquas terras, que raro é poder encontrar-se nesta quadra um divertimento ou «charge» dignos de nota pela sua originalidade e espírito, ou uma «máscara» autêntica.

É verdade que as «máscaras» são de uso diário e que se algum mérito podem ter estas semanas—e nomeadamente os três dias de Entrudo—é o de levarem alguns «mascarados» a desmarcar-se e mostrarem-se tal qual deviam apresentar-se durante os 365 dias do ano, visto que este de 1938 não é bissexto.

O «não me conheces?», em vez de fasete, foi destronado pelo «bem te conheço, ó máscara!», pronunciado em voz forte e de indicador no olho direito.

Só as crianças, com a sua ingenuidade e graça própria dão hoje a verdadeira nota do Carnaval; e, ainda bem, porque entre os outros, os velhos, só se poderá dizer como os bebedores de profissão em dia de São Martinho: agora... é para os amadores...

R.

Rádio-Botica

ALGÉS, 21.—Aterrou hoje nas propriedades do sr. Compadre Lavrador um avião carregado de couve para plantar, visto que este senhor está na disposição de cultivar quilómetros de terreno que trazia a polsio. As couves vieram directamente de Sarrazola, dos alfobres do sr. Esmifra, e dizem que são excelentes com bacalhau.—O Beica.

ANG. JA, 25.—Na rua da Cruz tem havido o dilúvio com a estada da pombinha do sr. Meireles. Parece que o Remorso anda a contat com a linda flor.—Alforreca.

LISBOA, 26.—O Tarzan está conquistando fama no Arco do Cego e nos aposentos do Vianinha quando lá encontra o João Antão Barata a dormir. Julga-se nas selvas.—Ricalhaço.

LISBOA, 27.—Chegou à capital bastante arreliado o nosso amigo sr. Carlos Ricalhaço por, na terra natal, os americanos lhe terem devotado o cabito que estava reservado para o Cruz.—Má-Rio.

ZÉ D'ALDEIA.

Este número foi visado pela Comissão de Censura à Imprensa de Aveiro.

Dinheiro, nervo da guerra...

Um tecnico de coisas militares dizia, há dias, no *Paris-Midi*, que as tres grandes democracias do mundo a Inglaterra, a França e os Estados Unidos, estavam fazendo um esforço colossal para se rearmar, febrilmente rapidamente, como se já não houvesse esperança alguma de evitar uma nova guerra.

E dava, logo a seguir, uma nota do que essas grandes potências estão gastando, por dia—note-se bem: por dia—com este rearmamento.

Vale a pena dar esses números, em glôbo, mesmo sem discriminar despesas.

A Inglaterra está gastando por dia *cento e cinquenta mil contos*, só com armas, munições e adestramento de soldados.

A França está gastando *cinquenta mil*.

E os Estados Unidos, *cem mil*. Total: *trezentos mil contos por dia*.

Que quere isto dizer? Que o mundo está sendo percorrido por uma verdadeira vaga de loucura? Que a questão da guerra domina tôdas as outras questões que interessam a Humanidade?

Evidentemente. Assim é.

A Inglaterra é sem dúvida a nação que está fazendo, neste campo, o mais formidável esforço financeiro. E ninguém pode levar-lhe a mal esse movimento de legítima defesa.

Atacada, injuriada, ferida em muitos dos seus interesses vitais, ameaçada no Oriente e ameaçada no Ocidente, a Inglaterra não quere suportar novas humilhações.

E com ela a França.

E com ela os Estados Unidos.

E com ela todos os povos que tem os seus destinos ligados, por interesses vitais, a essas grandes potências.

* * *

O nervo da guerra é o dinheiro. Quem tiver dinheiro e matérias primas tem a vitória.

Esta verdade elementar, que não oferece dúvidas nem admite discussões, põe no seu verdadeiro lugar o problema da guerra.

São a Inglaterra, a França e os Estados Unidos que dominam absolutamente—assim mesmo: absolutamente—todos os mercados financeiros do mundo.

São a Inglaterra, a França e os Estados Unidos que dispõem da quasi totalidade das matérias primas, quere directamente, que indirectamente, por intermédio dos povos seus aliados.

Quere dizer: dispõem dos principais factores da vitória, em todo o

mundo: dinheiro e matérias primas.

* * *

O povo Inglês, pacifista por temperamento e por educação, povo onde não tem sido possível estabelecer o serviço militar obrigatório, povo que chega por vezes ao extremo de se deixar humilhar para evitar a guerra, confiou, durante muito tempo, na Sociedade das Nações.

E quando a Sociedade das Nações, por circunstâncias diversas, se mostrou absolutamente incapaz de cumprir a sua missão, de realizar o sonho wilsoniano, o povo inglês aiada confiou nas virtudes da diplomacia, nas conferências, nos pactos, nas comissões mais restritas, destinadas a um mais fácil entendimento entre as principais nações.

E durante esse longo período de confiança na paz, de ingénua confiança em um mundo melhor, o povo inglês descuidou por completo os seus armamentos, o seu potencial militar.

Mas a realidade das coisas, a crua brutalidade dos acontecimentos, mostrou-lhe que nem a assembleia magna de Genebra nem as conferências diplomáticas serviam já para salvar o direito internacional.

O Direito só numa base se pode apoiar hoje. E essa base é a Força.

Este convencimento levou as tres grandes nações ao esforço formidável que se está realizando no actual momento histórico:

— Trezentos mil contos por dia, para rearmamento.

Que outras nações poderão esboçar sequer este esforço, que toma um aspecto de delírio, mas delírio justificado?

Os Estados Unidos seguem de perto a Inglaterra nesse movimento de defesa.

O seu orçamento para o Exército de terra foi elevado, ainda há pouco, a 419 milhões de dólares, ou, em moeda mais compreensível, a 12.000 milhões de francos. E o seu orçamento para a marinha de guerra elevado a 570 milhões de dólares—ou sejam 17.000 milhões de francos.

Pois já ontem um telegrama anunciava que o presidente Roosevelt propõe ao Parlamento que a tonelagem da marinha de guerra tenha um novo aumento. Mais 237.000 toneladas.

Como a tempestade rugir, em vários pontos da terra, os navios mais avisados preparam-se para lhe fazer frente...

Dinheiro, nervo da guerra!

Ribeiro de Carvalho.

Da «República».

† Necrologia

José Maria N. de Carvalho

Após prolongado e doloroso sofrimento faleceu no dia 30 de Dezembro último, no Hospital da Marinha, em Lisboa, o sr. José Maria Nunes de Carvalho, irmão dos nossos prezados amigos e assinantes srs. Manuel Nunes de Carvalho, caixeiro de padaria, e Júlio Nunes de Carvalho, também empregado na panificação na capital.

O funeral realizou-se para o cemitério do Alto de S. João, onde o saudoso José Maria de Carvalho ficou sepultado no talhão dos Combatentes da Grande Guerra, tendo um acompanhamento de muitas pessoas amigas da família que prestaram a derradeira e sentida homenagem a quem foi um excelente carácter e um bom servidor da Pátria.

Aos nossos amigos srs. Manuel e Júlio de Carvalho, assim como à demais família enlutada, apresentamos sentidas condolências.

Notícias de Eixo

Estadas.—Vinda de Lisboa encontra-se aqui, de visita a uma família, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Elisa Serra, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Anos.—No passado dia 22 fez anos a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Leocádia de Leites Magalhães Lima Mascarenhas, filha do saudoso escritor sr. dr. Jaime de Magalhães Lima e esposa dedicada do nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Evaristo Fernandes Mascarenhas, ilustre delegado do Procurador da República em Lourenço Marques. A' ilustre sr.^a D. Maria Leocádia, as nossas respeit. felicitações, extensivas ao seu marido e nosso amigo.—C.

Venda de Oleo de mendobi

A Inspeção Geral das Indústrias e Comércio Agrícolas informa que a venda ao público de oleo de mendobi só pode efectuar-se nos depósitos e estabelecimentos comerciais, nos termos do artigo 7.^o do Decreto n.^o 28.152.

Em face do exposto não é permitida a venda a retalho do referido oleo pelos vendedores ambulantes.

As transgressões são punidas com a apreensão do oleo e sua entrega a casas de caridade, sendo também cassada aos infractores a licença que possuem para venda de outros produtos comestíveis.

Cobrança

Avisamos todos os nossos prezados assinantes de que vamos proceder à cobrança de tôdas as assinaturas referentes ao 16.^o semestre.

Podemos a todos estes e em especial áqueles cuja cobrança é feita pelo correio, a fineza de satisfazer em o seu devito logo que lhes seja presente o recibo ou avisos do correio, a fim de nos evitar novas despesas; o que antecipadamente muito agradecemos.

A Beleza das mulheres

Porque é que as mulheres são bonitas? Esta pergunta acaba de obter a resposta dum médico inglês que tornou público o resultado das suas investigações no sentido de averiguar porque é que as mulheres são mais formosas que os homens.

A beleza da mulher é devida ao pouco esforço físico que é

obrigada a fazer.

Os estudos profundos, o trabalho intelectual grande, as preocupações dos negocios exercem uma influência real e nociva sobre a beleza. Para o provar cita o referido médico este tipico exemplo: Na India inglesa há uma tribu—a dos Zaris—na qual se acham trocados os papeis da

sociedade europeia. Ali a mulher é quem dirige os negocios do Estado, quem desempenha os cargos públicos, quem atende as necessidades domesticas e... quem se declara ao homem!

Resultado; a formosura fugir tôda para o sexo forte.

Uns felizes!—os tais sujeitos da India!

INVERNIA!

Géme o vento feroz, as bâtegas geladas,
Produzem sobre o solo, umas ôcas pancadas;

Passam vindas da escola, as louras criancinhas,
Que até nos metem dô, assim tão molhadinhas.

E o vento assim fugindo, em louca correria,
Derruba-lhes o lar rindo com ironia.

Que contraste esta Vida, encerra—que tristeza:
O que há mais d'infeliz, está junto da pobreza!

Na lâma pela rua, há sinais produzidos,
Pelo forte calcar, duns pés já doloridos:

Foi um pai que passou, sob o frio aguaceiro,
Todo o dia exerceu o mister de peixeiro:—

—Esgotou-o'apregoar, foi fraca a frêguesia...
Sem lucro—até perdeu, que negro é o pão do dia!

Num misero barracão, quais feras numa jaula,
Os filhos que chegaram, há instantes da aula.

E que triste que é, que dô, que compaixão,
Ver sem lenha o braseiro, e a mesa sem ter pão!

E' tudo quanto tem, por condão e carinho,
No seu negro viver, o misero pobresinho!....

Inverno! Inverno mau! Tu que chegaste há pouco,
E só destruição fizeste—grande louco:

—Sê, bom, sê clemente, protege os desgraçados,
Qu'irão talvez morrer, nos lares desmantelados!

Olha: São mais de mil, os casebres velhinhos.
E quem sabe se ali, há ednos e eéguinhos

Que não podem fugir, à forte correria,
Com que passas sem fé—infernal invernial!...

Eu sou um crente, Ó Deus!—Ó Natureza Mãe!
Mas fitando o Azul, os meus olhos porém:—

—Imploram com fervôr, longe de fanatismo,
Uma pura benção a este cataclismo!...

Estalam vidros qu'horrôr, e caiem na calçada!
Treme a parede velha, ouve-s'a derrocada!

E tu, sem piedade, Inverno és sempre o mesmo,
Amontoando vil, miseráveis a esmo.
Se não houvesse ainda, um pouco de bondade,
Muito maior seria, a infelicidade.

Se tu sabes medir esta pequena vida,
Protege com amor, a turba empobrecida.

Os dois:—O pobre e tu, serão iguais na sorte:—
—Tu morres rico, êle pobre—ambos terão a Morte!...

Afonso Nunes Gomes.

Encorporação de recrutas:

Este ano há uma unica encorporação de recrutas, que terá lugar de 1 a 5 de Março.

Só é permitido o alistamento de voluntários nas seguintes unidades:

Batalhão de automobilistas, Grupo de Artilharia Pesada n.º 1, Grupo de Artilharia Contra Aeronaves, Grupo de Especialistas (unidades motoristas) e Regimento de Telegrafistas.

Para todos porém, é preciso possuir conhecimentos da especialidade e serão sujeitos a um exame os que se destinarem aos serviços motorizados.

Os documentos devem ser apresentados nas secretarias das respectivas unidades, até ao dia 20 de Fevereiro.

IMPRESA

«O Panificador»

Reappareceu à luz da publicidade *O Panificador*, órgão do Sindicato Nacional dos Empregados e Operários da Industria de Panificação do Distrito de Lisboa, que se apresenta cada vez mais denodado na defesa dos interesses da classe e dos principios corporativos do Estado Novo.

Cumprimentando o seu intelligente director e no-so prezado camarada sr. Alfredo Dias Pires, desejamos ao *Panificador* uma longa vida cheia de prosperidades.

Padaria

Trespasa-se uma das melhores coseduras em Aveiro. Informa Agostinho Marques de Melo.

Noticias de Angeja

Foi ontem, que sob uma nítidez atmosférica se realizou nesta linda frêguesia, situada à margem direita das suaves e cristalinas águas de Vouga, os festejos em honra do Mártir S. Sebastião.

Devemos salutar os mordomos desta festa, que com todo o capricho e união não se pouparam a tarefas bastantes incomodativas, para a solenização deste santo, que no decurso de alguns anos vinha esquecendo no espirito dos habitantes desta laboriosa terra. Às 11 horas, um pequeno cortejo, trouxe de sua capela acompanhado da Banda da Associação I. e R. Angejense, que cada vez se apresenta melhor devido à hábil regência do seu maestro «Sr. Américo Amaral» e à boa vontade dos seus executores, o martirizado santo para o grandioso e antigório templo «a igreja». Ali se efectuaram as solenidades: missa de festa acompanhada pela banda e em seguida o sermão feito pelo Dig.º Pároco de Cacia, Ex.º Sr. Manuel Matias Ribau, que mostrou duma maneira perspicaz a vida daquele santo. Em seguida saiu a procissão, acompanhada de muitos anjos, insigneas e pela Banda, que percorreu as ruas do costume, menos a do Espirito Santo que se apresentava num estado deplorável, seguindo então para a rua dos Pinheiros onde se resolveu então, regressar à igreja pela aquela rua.

Foi pena que os mordomos tivessem tão fraca lembrança, porque assim deram uma grande massada nos componentes daquele cortejo devido a eles no final gastarem tempo na limpeza do calçado. É pena que a câmara do nosso concelho, sendo esta uma das terras que mais colecta lhe dá, não dispenda duns simples «patacas» para se concertar as estradas, que só o aspecto parece ultimar o coração daqueles que se prezam ser filhos d'Angeja.

Mas infelizmente estamos no século das arborizações e das célebres retretes subterrâneas. Mas lá diz o velho ditado:

Não há bem que sempre dure nem mal que se não acaba.

Além do péssimo estado das nossas vias, temos outro facto: a iluminação pública. Apesar das ruas mal iluminadas, apaga-se muito cedo. Qual será o direito com que aqui se apaga muito cedo e nas terras vizinhas ilumina o diabo até altas horas da madrugada? Será falta de cobre que êste povo leva si todos os meses? Entendo que não deve ser. Não devemos ser como Nero que tinha como ideal «Quero, pego e mando».

Não devemos ser assim; sejamos como uma família, e o que fôr para uns, deve ser para outros. É preciso notar que estamos no século da ciência e das luzes e não no século dos candelabros. Para isso é necessário iluminar convenientemente, esta terra donde lampadas onde faltam. Feito isso, já não será fácil esmurcar o nariz.

Um Angejense.

Visitas

Vindos de Oliveira de Azeiteis, onde estão empregados na Padaria Aveirense, estiveram na última segunda-feira em visita a sua família na Quinta, o nosso amigo e assinante sr. José Nogueira Simões, que vi- tha acompanhado pelo seu companheiro de trabalho sr. Belmiro Tavares, os quais nos deram a honra de suas visitas.

Carteira Elegante

ANOS

Na próxima segunda-feira faz anos o sr. José Fernandes Abelira, de Oleiros, sógro do nosso amigo sr. Joaquim Barata, de Lisboa.

—Também no mesmo dia 31 festeja mais um aniversário natalício a estremosa mãe do nosso amigo e colaborador sr. Gumerindo Pina, de Lisboa.

—Completo, no dia 18 do corrente, 36 primaveras o nosso prezado assinante e amigo sr. Gonçalo António de Miranda, natural de Povo do Paço, empregado na panificação em Algés.

—No dia 3 de Fevereiro faz anos a sr.ª D. Ester Duarte Mota Cruz, bondosa espôsa do nosso redactor principal.

—Também no dia 24 do corrente fez anos a simpática menina Maria Nunes da Silva, irmã dos nossos amigos srs. Joaquim Maria Miranda, Gonçalo António de Miranda e Domingos Maria de Miranda, todos da Povo do Paço, mas actualmente empregados em Algés.

—Hoje, 29 de Janeiro, completa 62 aniversários natalícios o nosso estimado conterrâneo e assinante sr. João dos Santos Capitão, encarregado do Armazem da União Fabril em Aveiro.

—No próximo dia 2 de Fevereiro, na Colegã, completa 13 verdes aniversários natalícios, o menino José Maria Pereira Felix, filho do nosso ex-saudoso amigo João Maria Pereira Felix e de sua espôsa sr.ª D. Libânia Rodrigues Felix, de Taboeira.

—Em 4 de Fevereiro próximo também em Lisboa, completa 57 anos o nosso prezado amigo de infância sr. António Tavares, proprietário da Leitaria Popular na rua Pereira Carrilho daquela cidade.

A todos os aniversariantes, enviamos parabéns com os votos sinceros de muitas felicidades.

REGRESSOS

Regressou a semana passada a Lisboa, depois de passar alguns dias em A'dela, o nosso amigo sr. Carlos de Almeida, estimado empregado na Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

DOENTES

Em Lisboa, tem passado bastante incomodada de saúde a sr.ª D. Margarida de Jesus Carvalho, espôsa do nosso amigo sr. Manuel Rodrigues Carvalho.

Desejamos-lhe rápidas e prontas melhoras.

ESTADAS

Está em Sarrazole desde a penúltima a passar uns dias na companhia de sua dedicada família, vindo do Entroncamento na companhia de sua espôsa onde são industriais de panificação, o nosso estimado assinante sr. Ernesto Nunes Bastos, proprietário da importante Padaria Central daquela localidade.

—Em Esgueira, também esteve passando uns dias na companhia de sua espôsa, filhos e mais família, vindo de Lisboa para onde já se retirou na segunda-feira, o nosso prezado amigo sr. Manuel de Oliveira, irmão do também nosso prezado amigo e assinante sr. Luciano de Oliveira, industrial de padaria naquela cidade.

—Vindo da Marinha Grande, onde é conceituado industrial de padaria, esteve em Cacia uns dias visitando seus pais, o nosso querido amigo de escola e assinante sr. António Simões Quintaneiro, que nos deu o prazer

de abraçar na nossa terra.

A todos desejamos muitas prosperidades e que regressassem bem às mesmas localidades.

JANTAR DE ANOS

Pela passagem dos 25 aniversários natalícios do nosso amigo e assinante sr. Domingos Simões da Maia, industrial de padaria em Algés, teve lugar no último domingo naquela localidade, e oferecido ao mesmo por alguns dos seus amigos um opiparo jantar de confraternização, ao qual assistiram os srs. Manuel Francisco Corujo, António Maria da Silva Matos, Germano Gonçalves, Anibal Nunes Duarte, Abilio Simões da Maia, Guilherme Madeira, António da Silva, Augusto Serrador, Bernardino Simões e o menino José Gonçalves.

Durante o jantar, que decorreu sempre com animação, foram feitos amistosos brindes pelas prosperidades de Domingos Simões da Maia, que muito sensibilizado, levanta-se e agradece não só as palavras proferidas por toda assistência, como a homenagem prestada pelo seu aniversário.

Ao nosso assinante enviamos, cordiais parabéns pelo seu aniversário natalício.

Noticias de Taboeira

Casamentos.—Está marcado para o próximo dia 6 de Fevereiro o enlace matrimonial da pretendida menina Silvina Marques da Silva; com o nosso amigo sr. José Marques Nogueira ambos de Taboeira.

—Também nos dizem que está para breve o casamento do nosso conterrâneo e amigo sr. Manuel Carraxo, com uma simpática vendadeira de tremções natural do Funtão, (Angeja).

Aos noivos com antecedência enviamos as nossas felicitações, fazendo os melhores votos para que o futuro lhes sorria.

Falecimento.—No passado dia 7 do corrente faleceu em Coimbra, vitimado pela tuberculose, o nosso bom amigo Arménio Nunes Bastos.

O seu funeral, que teve lugar no dia 7 naquela localidade, foi muito concorrido por muitos dos seus amigos que o mesmo ali contava. Deste lugar, Taboeira, também foram a Coimbra, além de sua família, diversos conterrâneos para assistir ao funeral do desditoso taboensense, que deixa viúva e uma orfança de tenra idade.

A toda a família em luto, e por intermedio deste jornal, aqui lhes enviamos os nossos sentimentos pesames.

Baptizado.—Teve lugar no passado dia 23 o baptizado de uma criança do sexo masculino filho do sr. João Simões da Silva e de sua espôsa sr.ª Maria Marques Raso.

Aos pais do novo Taboensense, as nossas felicitações.

Anos.—No dia 17 do corrente completou 91 anhos primaveras a menina Emilia Nunes Ferreira, filha do sr. Estevam Ferreira, e de sua espôsa sr.ª Maria Nunes Ferreira.

Os nossos parabéns.

Visitas.—No último domingo, estiveram em Taboeira visitando suas famílias, os nossos prezados amigos srs. Estevam Ferreira e Fernando Marques da Silva, empregado na panificação de Cortegaça e Gaiv.—C.

Querem ver as noticias da tua terra? Assina o «Ecos de Cacia» que lá as encontras!

Ao correr da pena...

COISAS OPORTUNAS

Já não é a primeira vez que este jornal tem falado a respeito do aqueduto arrombado — *uma verdadeira ratoeira nocturna* — que se encontra na rua Luiz de Camões, mesmo em frente à rua que conduz ao St.º António do Rêgo, e com carradas de razão tem clamado... mas, até hoje, que nos conste, ... nada!

Se aquilo não representasse perigo eminente, vá que não vá; mas, como se torna perigosíssimo que aquilo assim continue, é o motivo porque eu tomei o caso à minha conta; é que arranjando-se, mesmo já, ... já não é sem tempo!

Pois, quanto à questão da água para a Quinta? Isso então ultrapassa as marcas da falta de cuidado.

Dir-se-á, que, a questão da água não será coisa muito, muito precisa? Oh! senhores... Pelo amor de Deus não se ponha tal caso em pouco. Se até já nos foi prometido que caso teria rápida solução!!! E foi durante a inauguração do nosso «Pósto de Ensino» que um delegado do sr. Governador Civil nos fez tal prometimento!...

E' uma obra também inadmiável. Sem a *preciosa lufa* ninguém pode passar.

E, quando chove, o estado em que ficam as ruas — quasi tôdas, infelizmente — da freguesia? Isso, é uma calamidade. Em algumas, só se pode andar arregaçado, e... com bastante cuidado!

Parece mesmo que a freguesia de Cacia, está votada ao abandono mais completo.

Não deve ser assim.

Segundo a nova constituição camarária, cada freguesia, tem lá o seu representante. Ora, sendo assim será de toda a conveniência, que o representante de Cacia não vá para lá fazer o acomodado papel de *pelo mudo* e, muito ao contrário, dê mostras aos seus con-freguezes, de que se interessa por tudo quanto, aos seus interesses, às suas regalias diga respeito, tomando todos os casos a peito.

Assim, é que nós pensamos e assim é que deve ser, para bem da comunidade caciense.

...

Há tempo — também por esta mesma voz — falou-se neste mesmo lugar, do mau estado em que se encontrava — ali na vizinha freguesia de Esgueira, e na sede da freguesia, — uma rua que conduz à Ribeira.

Por mais de uma vez se falou; e, graças a Deus, a nossa voz foi ouvida, pois já lá foi o sr. presidente da câmara em pessoa, com mais alguém analisar de-visu, como aquilo está.

E em seguida, logo um ou dois dias depois lá andaram com as medições da praxe.

E' caso para nós darmos os parabéns.

Agora, é muito a *talho de*

Distingamos

Quem faça da vida uma ciência e uma arte, quem pretenda viver com perfeita consciência, não pôde nem deve tratar da mesma maneira o indivíduo douto e o indouto, o educado e o deseducado. Há pessoas que não compreendem certas delicadezas das almas superiores e cultas. Onde existe a humanidade ou a prova de consideração, julgam descobrir um sintoma de fraqueza ou de medo! E costume, por isso, ouvir dizer que «não se pode ser bom». Mas este lugar comum não corresponde inteiramente à verdade. A prática do bem é sempre recomendável. O que se não pode é ser bom para toda a gente. É preciso tratar cada indivíduo conforme elle merece! Aquele que não agradece amabilidades, não é digno delas. Quem não corresponde a atitudes gentis ou a testemunhos de confiança, não é merecedor de umas nem de outras.

Isto não quer dizer que se trate mal essas criaturas, mas sim que se proceda, para com ellas, com as necessárias reservas. Até por uma questão de prudência é preciso que assim seja. O homem grosseiro ou perverso é, por sua natureza, desconfiado e suspeito. Em tudo vê má-fé ou hipocrisia. Muitas vezes desconfia da civilidade; outras vezes faz troça dela.

Interpreta estupidamente os gestos deferentes, vendo fins ocultos onde tudo é claro e sincero. Persistir em considerar no mesmo pé de igualdade o cidadão estúpido, grosseiro e cínico, equivale a praticar um acto de pura insensatez, ou, como é costume dizer é *deitar perolas a porcos*. O indivíduo indelicado é, em geral, muito

susceptível. Não pratica actos de cortezia para com ninguém, mas *sente-se* extraordinariamente quando os outros não lhe prestam tôdas as homenagens e atenções. Em resumo: há criaturas que querem receber aquilo que nunca dão! O que é isto se não um acto de pura inconsciência? Mais ainda: não será isto um acto imoral?

Quem toma a sério algumas pessoas que não o merecem sofre sempre dissabores. O indivíduo educado não deve disputar com o ignorante, com o atrevido e com o malcriado. Isso seria conferir-lhe uma honra que elles estão longe de merecer. Quando alguém se esquece deste pormenor, sofre logo as consequências do seu erro. Como recompensa das deferências ou amabilidades, recebe a ingratidão. Com semelhantes criaturas, quanto menos conversa melhor. A filosofia das nações já dizia: *guarda-te do alvoroço do povo e de tratar com doido*. O que é, de facto, o homem que não compreende a nobreza de alma, a lealdade e a educação, se não uma espécie de dementado? Por isso mesmo é que outro prolóquio popular aconselha: *quem como doido há de entender, de muito sizo há mister*. De facto, toda a cautela é pouca quando se mantem relações ou contractos com quem não sabe conservar-se à altura de si e dos outros. Ninguém deve tomar para modelo a vida dessas criaturas levianas e incoerentes, porque — afirma um avisado dictério — *mais vale um dia de discreto, que cento de néscio* ou melhor ainda: *vê um dia do discreto, e não toda a vida do néscio*.

Mário Gonçalves Viana.

De Aveiro

Festejou-se profanosamente no dia 22, 23 e 24, o S. Sebastião que, como se sabe é o advogado contra a terrível trindade: Fome, Peste e Guerra. Houve musica nesses dias pelas tres bandas paisanas da cidade, e a festa meteu tambem rifa. As rifas estão na moda. Agora tudo se rifa. Pois como ia-mos dizendo, rifou-se um cevado. Venderam-se bilhetes a torto e a direito, e na terça-feira, n'um barrote do coreto da musica pregaram-se tres rodinhas, deu-se e ao dedo e a palheta marcou 3...7...0 um dos contemplados foi logo nomeado do alto do coreto, mas logo um outro surdiu com igual numero. Nos bilhetes havia dois numeros iguais: 370

A quem coube o porco? Houve tranzição? Os deuses que o digam. Mas isso era facil saber. Como os bilhetes tinham talões, recolhiam-se esses talões e fazia-se o confronto a ver... se havia duplicação para que a receita fosse maior.

Mas a quem ficaria o porco, no meio de toda a porcaria.

— Tem feito ultimamente uns lindos dias de sol. Mas de manhã está frio a valer.

Padaria

TRESPASSA-SE uma em S. Bernardo com documentos legais. Cosecura 95 kilos sendo 35 fina, quem pretender dirija-se ao proprietário M. M. Matos. (3)

amente, se a eles não tenho respondido, não é por receio da minha parte de lutar com tais adversários. E' que o desprezo é a melhor arma contra cidadãos que desconhecem quais os seus deveres civicos.

Os meus humildes escritos, repito, não são para «duelos» mesquillos, mas sim para reclamar as muitas necessidades de que a minha terra carece. E melhor fariam os fundeirenses se em vez de campanhas ridiculas na imprensa, dedicassem a sua prosa a pugnar pelos melhoramentos da sua terra e deixassem em paz e sossego os que desejam somente viver em boa harmonia com todos os seus irmãos.

E' triste, contudo, que estas divergencias hajam surgido somente por causa duma festa realizada no Grémio da Comarca de Arganil. Enfim, fizemos uma festa, seguimos os passos dos fundeirenses... Cruel ironia!

Desculpe-me, sr. director, se me alonguei nesta minha explicação. Prometo, no entanto, não mais voltar ao assunto, que somente rouba espaço e nada interessa ao regionalismo. — *Claudino Alves de Almeida*.

Os nossos leitores apreciarão a missiva do simpático rapaz cortense, porque no próximo número também terão ocasião de ler a resposta ás proezas do celebre Claudino.

Até à semana, pois...

M. J. C.

COMISSÃO DE MELHORAMENTOS DE AMIOSO FUNDEIRO (ALVARES)

Conforme temos noticiado, é amanhã, pelas 15 horas, que em Lisboa se realiza a assembleia geral da Comissão de Melhoramentos de Amioso Fundeiro, para eleger os novos corpos gerentes e apresentação de contas.

Pelo concelho de Gois

As proezas de um rapaz

Tomamos a liberdade de transcrever uma carta que Claudino Alves de Almeida (aquele rapaz que em Lisboa leva uma vida de aturado estudo e compostura) enviou ao *Jornal de Arganil* e que merece ser apreciada pelos nossos leitores.

El la:

CORTES — AMIOSO FUNDEIRO

DUAS PALAVRAS E PONTO FINAL

Lisboa, 3 de Janeiro de 1938

... Sr. director do *Jornal de Arganil*: — Permite-me v. que mais uma vez, venha roubar um pouco do precioso espaço do seu jornal, para dizer duas palavras, embora que, desta vez, o assunto seja bem diferente do ventilado nos humildes escritos que para o *Jornal de Arganil* tenho rabiscado.

Necessário porém, se torna que estas palavras sejam ditas, para boa compreensão de certas pessoas de Amioso Fundeiro e das Cortes de Alvares.

Já neste jornal, em julho de 1936, com a epigrafe acima, eu enalteci o brio dos fundeirenses, incitando, então, os cortenses para que lhes seguissem o exem-

plo, pugnando, assim, pelos interesses de Cortes.

O que disse nessa ocasião dos meus visinhos, di-lo-ei amanhã e depois. Há, no entanto, entre a sua colónia nesta cidade, pessoas para quem a vaidade é tudo.

Assim, numa local que enche totalmente uma página do conhecido *«Ecos de Cacia»*, depois de transcreverem o meu artigo publicado neste jornal, em julho de 1936, e de dizem as mais injuriosas palavras contra o jovem Claudino — como me dão a honra de me classificar — acrescentam: «Os fundeirenses são incapazes de contribuir para a quebra do bom entendimento que sempre houve e há-de continuar entre os povos da mesma freguesia, porque não tem inveja da mais alta attitude que tomem aqueles que apenas lhes seguem os passos e lhes imitam as obras».

Os cortenses não precisam de seguir nem imitar os fundeirenses para dirigirem a sua colectividade; e quem diz os cortenses, diz, no geral, os componentes de qualquer outra agremiação regionalista.

São tantos os artigos publicados no *«Ecos de Cacia»*, assinados com pseudónimos que, fran-

foice», alvitramos aos senhores Presidentes da Junta de Esgueira e da Câmara de Aveiro e também muito particularmente aos srs. Delegado e sub-delegado de Saúde de Aveiro, para que visitem as fontes da sede da freguesia e averiguem se, sobre, precisamente as nascentes de algumas dessas fontes, se acham instalados currais — dizem-nos, que, num deles há gado vacum — e se isso é coisa consentânea com a saúde pública — e muito particularmente (até) com a consciencia dos donos desses currais!!! Trê pontos de admiração, para não escarrapachar seis.

E também ver o estado em que se encontra a fonte da Biquinha (Rua Das Cainarin) com a canalisação tãta, a bica não deitando quasi nada e a tãta água a correr (para escãneo das donas de casa.) a seus pés!!!

Atendei srs., tanto em Esgueira como em Cacia, ao que se vos pede, e tereis cumprido o vosso dever e ao mesmo tempo, ganho os louvores do povo agradecido por esses beneficios.

Argus.

Assinar o *«Ecos de Cacia»* é um dever de todo o cidadão bairrista.